



GÊNERO E ENVELHECIMENTO: O CORPO FEMININO NA MATURIDADE

Marcia Regina Medeiros Veiga¹

A proposta deste artigo² é a problematização das discussões sobre gênero a partir de duas variáveis muitas vezes desprezadas ou esquecidas nos estudos antropológicos: o *corpo* e o *envelhecimento*.

O foco está direcionado sobre os significados do envelhecimento para mulheres que se encontram na maturidade, tendo por base as mudanças operadas no corpo nesta fase e as tecnologias/técnicas usadas na tentativa de reversão destas modificações na busca por uma aproximação do corpo em envelhecimento aos padrões estéticos alimentados pela mídia, sempre relacionados à juventude. Para este trabalho, considera-se a maturidade feminina a partir da proximidade à menopausa, respeitando-se, dessa forma, a própria categorização êmica.

O que é ser mulher na maturidade? Como estas mulheres se relacionam com seus corpos em envelhecimento e com as tecnologias para seu rejuvenescimento? Como as mudanças corporais trazidas pelo envelhecimento e o uso de tecnologias de rejuvenescimento refletem nas representações sobre feminilidade? Por outro lado, como este processo se reflete nos significados e usos do corpo feminino?

As respostas a estas e outras questões que vêm sendo suscitadas ao longo do trabalho têm sido buscadas a partir da pesquisa “Modelos Seniores: Corpo e Envelhecimento – um estudo antropológico”³, desenvolvida com um grupo de mulheres modelos/manequins da maturidade, de Santa Maria, RS, ao longo dos anos 2008 e 2009.

Ao propor um estudo sobre o envelhecimento dentro das ciências sociais, optando por dimensionar meu olhar em uma perspectiva antropológica a partir da categoria *corpo*, percebi o quanto esta tarefa pode ser, a bem das vezes, controversa. Esta controvérsia se dá no sentido da multiplicidade que a temática do envelhecimento, por si só, pode propiciar, tanto em termos disciplinares, quanto metodológicos, pelas contradições – internas ou externas ao grupo estudado – que pode provocar, e, mais ainda, pelo desconforto que as ciências sociais têm, ainda em nossos

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM, Linha de Pesquisa *Corpo e Saúde*, membro do GEPACS – *Grupo de Estudos e Pesquisas em Antropologia do Corpo e da Saúde*, sob orientação da Profª. Drª. Zulmira Newlands Borges, Professora Associada II do Deptº. de Ciências Sociais da UFSM, membro do GEPACS. Contato: marciarmveiga@gmail.com.

² Agradeço as indicações bibliográficas da Profª. Drª. Jurema Gorski Brites, Professora Adjunto II do Deptº. de Ciências Sociais da UFSM, membro do GEPACS.

³ Monografia resultante do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Ciências Sociais, apresentada em 21/01/2010.



dias, de tratar de um objeto outrora reconhecido como privilégio único das ciências naturais ou biológicas.

A busca inicial de minha pesquisa era pela compreensão das representações sociais sobre a velhice e o envelhecimento para um grupo de mulheres, modelos da maturidade, de Santa Maria, RS. Ao me deparar com as mulheres pertencentes ao grupo, entretanto, pude perceber a importância atribuída a elas ao próprio corpo, enquanto elemento identitário. Minha primeira impressão, um pouco apressada e imatura, reconheço, foi a de que essas mulheres estavam perdidas em um *abismo identitário*: ainda não tinham o estatuto do sujeito idoso, com as vantagens e desvantagens que isso possa representar, mas também eram – julgava eu – excluídas de muitos contextos de trânsito exclusivo dos institucionalmente jovens.

A quase obsessão por uma aparência jovem, que as manequins da maturidade pareciam ter, soava-me como uma negação de um processo *natural*: o envelhecimento. Uma questão clássica das ciências sociais surgia, como por encanto, diante de mim e de minha inexperiência: deparava-me com o embate (ao menos aparente, descobri mais tarde) entre *natureza* e *cultura*.

Desde o primeiro contato com o grupo, ficou-me clara, então, a importância do corpo enquanto uma categoria analítica para os estudos sobre o envelhecimento.

Retomando a pesquisa, após a conclusão e publicação de seus primeiros resultados, como monografia de conclusão de curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria, e já como aluna do programa de pós-graduação da mesma instituição, passo a enxergá-la com olhos um pouco diferenciados. A temática do *corpo* ganhou maior relevância, passando a ser o foco central de meus estudos.

Com este trabalho, pretendo uma breve reflexão sobre as inquietações e descobertas suscitadas em minha primeira experiência no mundo da pesquisa antropológica e a constante tentativa pelo aprofundamento e por uma observação multiangular em torno do tema envelhecimento/corpo.

Modelos Seniores – A pesquisa – ou Corpos femininos na maturidade

A pesquisa que motivou a construção deste artigo foi realizada durante os anos de 2008 e 2009 com um grupo de quatro mulheres, com idades entre os 57 e os 62 anos, que, embora tivessem



outras profissões como prioritárias, atuavam, também profissionalmente, como modelos fotográficos e de passarela em um grupo caracterizado como de modelos seniores⁴.

O objeto da pesquisa eram as representações sobre a velhice e o envelhecimento com base nas mudanças operadas no corpo neste processo. Assim, minha busca se dava no sentido de responder às seguintes questões: Como as mudanças pelas quais passa o corpo quando estamos envelhecendo eram encaradas? Como tais mudanças refletiam as representações sobre envelhecimento e a feminilidade? Como o envelhecimento se refletia nos usos que se dá ao corpo?

Durante a realização desse estudo, participei de ensaios/reuniões do Grupo⁵, que se reunia duas vezes por semana com este intuito, e realizei entrevistas abertas com cada uma das quatro mulheres. Nessas reuniões, assumi uma posição de observadora, evitando interrupções e anotações que pudessem deixar os(as) alunos(as) pouco à vontade. Minha intenção inicial era frequentar o curso como aluna, tornando-me, assim, uma “nativa” em campo. Entretanto, algumas dificuldades de ordem prática – como a precariedade de meus horários – inviabilizaram esta idéia.

O que me chamou a atenção nessa pesquisa foi o fato de as modelos seniores se caracterizarem como tal, ao mesmo tempo em que buscavam uma imagem corporal e comportamental próxima à juventude, vestindo-se de maneira jovial e mascarando sinais de envelhecimento com técnicas como tintura capilar, uso de cremes antiidades, maquiagem e/ou pequenas incisões cirúrgicas estéticas. Notadamente, a feminilidade estava fortemente associada à juventude corporal. Assim, no desenvolvimento de minha pesquisa, constatei a relevância dada a à categoria *corpo*, principalmente no que diz respeito aos binômios culturalmente institucionalizados *beleza/juventude*, *velhice/enfeiamento*.

Envelhecer é, em grande medida, tornar-se feio. Segundo as modelos pesquisadas, esta regra é especialmente cruel às mulheres, de quem se espera que a beleza esteja sempre atrelada à juventude.

Sant’anna (1995) observa que esta associação não é nova. Perrot (apud Sant’anna, 1995) defende que a idéia de que a beleza está para o feminino, assim como a força está para o masculino, atravessa os séculos e as culturas.

Lipovetsky (2000) também constata este fenômeno quando argumenta que as imagens, os comportamentos e as expectativas reafirmam constantemente a beleza como um valor feminino,

⁴ O Grupo foi criado em 2001 com o objetivo de formar, exclusivamente, mulheres modelos profissionais da maturidade – com idade igual ou superior aos 30 anos. Hoje, o Grupo é uma escola, destinada à formação de modelos de ambos os sexos, de qualquer idade. Neste texto, identificarei o grupo pesquisado com inicial maiúscula: Grupo.

⁵ Assisti a alguns desfiles do Grupo, mas na condição de mera expectadora, pois ainda não havia formalizado minha posição de pesquisadora.



beleza esta sempre em consonância com um valor considerado ainda maior em nossa sociedade: a juventude.

Dessa forma, é perceptível a preocupação com o envelhecimento físico. O aspecto de um corpo envelhecido é muitas vezes desolador. É o corpo quem carrega tacitamente as marcas do envelhecimento. Estas marcas são vistas como máculas numa sociedade que prioriza a juventude. As marcas que deixam claro a inevitabilidade do envelhecimento só podem ser incômodas quando se vive uma cultura em que o corpo – e, principalmente, o corpo feminino – é um capital (Bourdieu, 2001, Goldenberg, 2008). Sendo um capital, está sujeito aos altos e baixos do “mercado”. A “bolsa de valores” que avalia o preço do corpo é taxativa: vigor e juventude são características essenciais para a “alta das ações”; envelhecimento, rugas, cabelos brancos, “ações em franca queda”.

Nesse contexto, como ignorar, ou pior ainda, sobrepujar, os desejos das mulheres maduras em parecerem sempre jovens?

Após certa idade, parece que resta, principalmente às mulheres, esquecerem que têm um corpo e uma sexualidade para, triunfalmente, partirem em busca de novos capitais. A tolerância, a benevolência, a intuição, a inteligência, são exemplos destes capitais destinados aos que não são mais jovens (Goldenberg, 2008). O *bom envelhecer* está diretamente relacionado ao cultivo dos capitais aos quais os mais velhos – ou os maduros – têm acesso e direito.

Notadamente, a perda dos capitais atribuídos ao corpo feminino começa na maturidade. O corpo é freqüentemente associado à sexualidade e à reprodução. Ao mesmo tempo, numa referência a Platão (Del Priore 2000), as representações de corpo dizem respeito à beleza e à juventude, categorias diretamente relacionadas à pureza. A velhice, assim, seria o impuro, a mácula, a sujeira, o pecado. Daí a necessidade de escondê-la, mascarar-la. A maturidade feminina, com sua proximidade à menopausa e ao cessar da ovulação, seria, ao menos simbolicamente, demarcadora da morte da juventude. O fim da menstruação – sempre tratada como um incômodo, inclusive em campanhas publicitárias de absorventes – muitas vezes não se constitui em um alívio, como se poderia esperar. Ao contrário, para muitas mulheres, esta fase significa uma crise, uma ruptura, já que suas funções reprodutoras – e, para muitas representações, suas funções femininas – são cessadas.

A relação das mulheres com seu próprio corpo é atravessada por controvérsias e contradições. De um lado, massacradas em sua juventude – através da mídia e de outras coerções sociais – pela ênfase exacerbada dada a esta relação – inclusive pelo que Foucault (1985) denominou de “cuidado de si”. De outro, já na maturidade, aconselhadas, ou até mesmo coagidas, a



abandonar esta relação em nome do investimento em capitais diferenciados, onde a ênfase, agora, é dada ao intelecto (como se corpo e intelecto fossem incompatíveis).

Sobre esta imposição social em relação ao corpo das mulheres, Perrot (2005) observa:

O corpo está no centro de toda relação de poder. Mas o corpo das mulheres é o centro, de maneira imediata e específica. Sua aparência, sua beleza, suas formas, suas roupas, seus gestos, sua maneira de andar, de olhar, de falar e de rir (provocante, o riso não cai bem às mulheres, prefere-se que elas fiquem com as lágrimas) são objeto de uma perpétua suspeita. Suspeita que visa o seu sexo, vulcão da terra.⁶

O corpo feminino tem, assim, uma dupla representação: ora as mulheres são prisioneiras, escravas; ora donas, senhoras deste corpo.

Mesmo na contemporaneidade, após a revolução sexual dos anos 60 que, no gesto simbólico da queima de *soutiens* em praças públicas, mudou consideravelmente a posição social das mulheres no ocidente, a função aprisionadora do corpo feminino ainda permanece. Del Priore (2000) constata que a mulher mudou muito para continuar a mesma. Trocando a dominação de pais, maridos e patrões por outra, invisível e, por isso mesmo, mais perigosa. A dominação atual é a dominação da mídia e da publicidade que impõe diariamente à mulher a tarefa de ser eternamente jovem, bela e saudável.

A necessidade das mulheres pesquisadas, entretanto, não pode ser simplificada em *ser/parecer jovem*. Seus desejos diziam respeito em se identificarem em uma mesma categoria que diferisse da juventude (embora seus padrões estéticos aproximem-se dos padrões desta fase) e da velhice. A *maturidade* seria, então, esta categoria. De acordo com Beauvoir (1990), a palavra “maturidade”, muitas vezes, é vista como um indicador de superioridade sobre a criança ou o jovem, o que qualificaria esta fase. O corpo, dessa forma, mais do que expressão desta identidade, seria sua própria constituição, dentro de toda uma contextualização histórica, cultural, política e social.

O corpo como objeto de estudo das ciências sociais

A idéia de oposição entre *natureza* e *cultura* tem sido o sustentáculo do pensamento ocidental moderno, calcado na binariedade como seu princípio norteador. Nas ciências sociais o axioma não é diferente. Ainda em nossos dias esta oposição tem sido bastante resistente, ainda que vários estudos tenham se preocupado em problematizar esta questão, contextualizando e historicizando-a, numa tentativa de, ao menos, minimizar sua rigidez.

⁶ PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005, p. 447.



Grosz (1994, tradução de 2000⁷) observa as dificuldades históricas da filosofia e da antropologia, principalmente a feminista, em aceitar os modos de corporalidade como categorias de análise. Para a autora, estas dificuldades têm como consequência (ou, por outro ângulo, seria sua própria causa) a desvalorização social do corpo, o que, em seu entendimento, tem corroborado com a opressão das mulheres.

Especialmente nas discussões sobre sexo e gênero, as dificuldades parecem se acentuar. A hierarquização cristalizada nas construções binárias sugere a evidência de uma superioridade da cultura sobre a natureza. Assim, o gênero, entendido como uma construção cultural, sobrepujaria o sexo, tido como pertencente ao domínio natural. Na mesma proporção estaria a mente sobre o corpo, por exemplo, ou o homem (tido como um *ser cultural por excelência*) sobre a mulher (*a fera a ser domesticada*).

Esta binariedade opositora, entretanto, parece ser insuficiente, estreita e problemática para explicar, ou sequer visualizar, os complexos fenômenos humanos, tipicamente naturais e culturais. Como a própria Grosz (1994, tradução 2000) observa, o problema maior deste dualismo

tem sido explicar as interações dessas duas substâncias aparentemente não miscíveis, já que, a partir da experiência e da vida cotidiana parece haver uma manifesta conexão entre ambas no comportamento ordenado pela vontade e nas reações psíquicas de resposta.⁸

A miscigenação a que Grosz se refere, diz respeito à constatação de uma incapacidade em se delinear com alguma precisão quais os limites da natureza e quais os limites da cultura. Em outras palavras, cultura e natureza não são sítios isolados ou opostos. Natureza e cultura avizinham-se e interagem, complementando-se e buscando, uma na outra, as explicações e significações para si própria.

Dessa forma, as concepções sobre *sexo e gênero, corpo e mente*, por exemplo, também não podem ser tomadas como duais e antagônicas. Nicholson (2000, p. 09) explica que, em relação a sexo e gênero, os dois conceitos têm sido, historicamente, adotados desta forma:

De um lado, o “gênero” foi desenvolvido e é sempre usado em oposição a “sexo”, para descrever o que é socialmente constituído em oposição ao que é biologicamente dado. Aqui, “gênero” é tipicamente pensado como referência à personalidade e comportamento, não ao corpo; “gênero” e “sexo” são portanto compreendidos como distintos. De outro lado, “gênero” tem sido cada vez mais usado como referência a qualquer construção social que tenha a ver com a distinção masculino/feminino, incluindo as construções que separam corpos “femininos” de corpos “masculinos”.⁹

⁷ Tradução de Cecília Holtermann do Capítulo 1 de *Volatile bodies. Toward a corporeal feminism*, de Elizabeth Grosz, para Cadernos Pagu nº 14, 2000.

⁸ GROSZ, Elizabeth. *Corpos Reconfigurados*. Cadernos Pagu nº 14, 2000, p. 54.

⁹ NICHOLSON, Linda. *Interpretando Gênero*. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, CFH/CCE/UFSC, vol. 8, nº 2/2000.



Entretanto, como observa Moore (1997), a linha que separa os universos natural/cultural é muito tênue e, por vezes, quase imperceptível. Assim, cita Errington (1990) para argumentar que se *gênero* é um construto cultural, *Sexo* (com inicial maiúscula) também o é, já que representa “uma construção particular dos corpos humanos”, sendo “o efeito de um discurso ocidental específico para abarcar e categorizar as diferenças aparentes entre mulheres e homens”¹⁰. Moore, entretanto, vai ainda mais longe, reconhecendo o *sexo* (com inicial minúscula) também como um constituinte cultural, pois

o sexo, em toda parte, é “Sexo”; em outras palavras, que embora a constituição, a configuração e os efeitos particulares do “Sexo” sejam claramente variáveis entre as culturas, não há, em nenhum caso, outra maneira de conhecer o sexo, senão através do “Sexo”.¹¹

Fausto-Sterling (2000, tradução 2001/02¹²) aponta na mesma direção ao compreender o *corpo* e o *sexo* como categorias complexas, indo além da mera determinação biológica. Sua constatação é quase um desabafo, um desejo pela saída da superfície rumo a um mergulho aprofundado.

Nossos corpos são complexos demais para dar respostas claras sobre a diferença sexual. Quanto mais procuramos uma base física simples para o “sexo” mais claro fica que o “sexo” não é uma categoria física pura. Aqueles sinais e funções corporais que definimos como masculinos e femininos já vêm misturados em nossas idéias sobre gênero.¹³

O que Moore, Errington e Fausto-Sterling parecem querer nos dizer é que a própria categoria “natural” é culturalmente construída. Assim, as três autoras reconhecem a corporeidade como elemento fundamental para se pensar o complexo de gênero e sexo, sem a simplificação das diferenças meramente anatômicas entre homens e mulheres. Dessa forma, mesmo não sendo necessariamente uma essência ou um determinante, o corpo é sempre um referente; ainda que seja negado, a referência para esta negação é, em si, o corpo.

Voltando à Grosz (1994, tradução 2000), a autora oferece uma breve visão das posições da teoria feminista em relação ao corpo, realizando uma ilustrativa retrospectiva histórica.

¹⁰ MOORE, Henrietta. *Understanding sex and gender*. In: INGOLD, Tim. *Companion Encyclopedia of Anthropology*. Londres: Routledge, 1997, p. 06 – Tradução exclusivamente para uso didático de Júlio Assis Simões.

¹¹ Id.ib.

¹² Tradução de Plínio Dentzien do Capítulo 1 de *Sexing the Body: Gender Politics and Construction of Sexuality*, de Anne Fausto-Sterling, para *Cadernos Pagu* n° 17/18, 2001/02.

¹³ FAUSTO-STERLING, Anne. *Dualismos em duelo*. *Cadernos Pagu*, n° 17/18, 2001/02, p. 19.



Na primeira categoria, o chamado “Feminismo Igualitário”, as especificidades do corpo feminino são vistas, de um lado, “como uma limitação inerente da capacidade das mulheres para a igualdade” e, de outro, “como um meio único de acesso ao conhecimento e modos de vida”¹⁴.

O “Construcionismo Social”, ou a segunda categoria, não vê o corpo feminino como um obstáculo a ser vencido, “mas como um objeto biológico, como uma política de representação e funcionamento, marcando socialmente o masculino e o feminino como distintos”¹⁵.

Por último, a categoria da “Diferença Sexual” vê o corpo como “nem bruto, nem passivo, mas entrelaçado a sistemas de significado, significação e representação, sendo constitutivo deles”¹⁶.

Por um lado, é um corpo significante e significado; por outro é um objeto de sistemas de coerção social, inscrição legal e trocas sexuais e econômicas. Este grupo diversificado tende a suspeitar da distinção sexo/gênero e a se interessar menos pela questão da construção cultural da subjetividade do que pelos materiais com os quais tal construção é feita. (...) Existe uma recusa, ou transgressão, do dualismo mente/corpo, que pode ser substituído pelo monismo ou por uma relação mais difícil, ainda que não contraditória, entre os termos binários, ou até uma confrontação direta dos termos polarizados. (...) O corpo é visto como um objeto político, social e cultural por excelência e não o produto de uma natureza crua, passiva, que é civilizada, superada, polida pela cultura.¹⁷

A compreensão do corpo feminino dentro destas configurações, como sendo social e discursivo, vinculado à ordem do desejo, do significado e do poder faz com que seja impossível sua singularização. Assim *o corpo* passa a ser *vários corpos*, dentro de uma multiplicidade, um vasto campo de diferenças, como orienta Gosz: “Uma série de tipos ideais de corpos deve ser postulada para assegurar a produção, projeção, imagens ideais e tipos corporais em disputa, aos quais cada indivíduo, à maneira dele ou dela, possam aspirar”¹⁸.

Considerações Finais

O envelhecimento é uma condição natural a todos os seres vivos. Entretanto, as significações e representações atribuídas a ele são construções sociais e culturais. Toda construção é realizada com determinado interesse que nem sempre corresponde às expectativas de todos os sujeitos e coletivos que formam as sociedades como um todo. Nossa sociedade pós-industrial capitalista privilegia a juventude como um bem precioso.

Penso na maturidade enquanto uma categoria própria de análise, já que entendo que o sujeito maduro difere em muitos aspectos dos sujeitos jovem e idoso. Argumento mais convincente – e

¹⁴ GROSZ, Elizabeth. *Corpos Reconfigurados*. Cadernos Pagu nº 14, 2000, p. 70.

¹⁵ Id.ib. p. 73.

¹⁶ Id.ib.. p. 75.

¹⁷ Id.ib. p. 75/76.

¹⁸ Id.ib. p. 78



suficiente – que este é o fato de as próprias mulheres pesquisadas se auto-categorizarem como “maduras”.

Reconhecer a maturidade como uma fase única é enxergá-la em suas especificidades. Entendo que só se respeita aquilo que é reconhecido; em contrapartida, só se reconhece aquilo que é visto e destacado.

Se, aparentemente, as modelos seniores de minha pesquisa preferem associar a feminilidade a uma identificação com a juventude, vestindo-se com roupas joviais e realizando atividades que são comumente relacionadas aos jovens (como desfilar, por exemplo), mesmo assim, assumem-se enquanto pertencentes à categoria maturidade, ainda que reconheçam que, muitas vezes esta categoria possa aproximá-las mais da categoria “velhice” do que da almejada – e aclamada – “juventude”.

A partir de suas escolhas – estéticas e comportamentais, é possível perceber a necessidade de uma identificação com a categoria maturidade, através do que entendem como vantajoso, enaltecido e distintivo desta fase. Dessa forma, a expressão “jovens maduras” parece ser adequada para caracterizá-las.

As representações sociais sobre a velhice estão diretamente calcadas sobre o corpo e as *máculas* nele talhadas pelo envelhecimento. Estas *máculas* (rugos, cabelos brancos) são vistas como desqualificadoras, entendidas como degradantes. Envelhecer é, ainda e quase sempre, perder: força, juventude, sensualidade, feminilidade.

O corpo em envelhecimento é compreendido como um corpo em declínio, não tanto pelas possíveis limitações físicas que a velhice possa acarretar, mas principalmente – e esta pesquisa é ilustrativa a este respeito – pela aparência, geralmente associada à feiúra, à falta de sensualidade e à assexualidade. A velhice, assim, é a antítese da beleza.

O Grupo aqui estudado busca novas (re) significações para o corpo, o envelhecimento e a velhice, resgatando para si o status de mulher, a partir da identificação com uma nova categoria, que por ter seus qualificativos, parece-lhes apropriada: a maturidade. Dessa forma, não negam o processo de envelhecimento, buscando – e demonstrando – a valoração da fase da vida em que se encontram.

Bibliografia

BEAUVOIR, Simone de. *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1990.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Petrópolis: Vozes, 2001.



- DEL PRIORE, Mary. *Corpo a corpo com a mulher*. São Paulo: Editora SENAC, 2000.
- FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismo em duelo. In: FAUSTO-STERLING, Anne. *Sexing the Body: Gender Politics and Construction of Sexuality*. Nova Iorque: Basic Books, 2000. Publicado em *Cadernos Pagu* n° 17/18, 2001/02. Tradução: Plínio Dentzien.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade – 2: O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- GOLDENBERG, Mirian. *Coroas. Corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados. In: GROSZ, Elizabeth. *Volatile bodies. Toward a corporeal feminism*. Bloomington e Indianápolis, Indiana: University Press, 1994. Publicado em *Cadernos Pagu* n° 14, 2000. Tradução: Cecília Holtermann.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MOORE, Henrietta. Understanding sex and gender. In: INGOLD, Tim. *Companion Encyclopedia of Anthropology*. Londres: Rotledge, 1997 – Tradução: Júlio Assis Simões.
- NICHOLSON, Linda. Interpretando gênero. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, CFH/CCE/UFSC, vol. 8, n° 2, 2000.
- PERROT, Michelle. De Marianne a Lulu: As imagens da mulher. In: SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de (org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005.
- SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de (org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.